



ANAIS

ISSN: 2238-0787

SIMPÓSIO TEMÁTICO 16

As escritas de si femininas: os diários e cartas como espaços de produção literária

ENTRE MARIAS, ANA. DE CASTRO OSÓRIO, ENTRE CORRESPONDÊNCIAS

Dra. Isabel Lousada (CICS.NOVA.FCSH/UNL-FCT)

A carta é um meio de comunicar por escrito com o semelhante. Compartilhada por todos os homens, quer sejam ou não escritores, corresponde a uma necessidade profunda do ser humano. [...] Lição de fraternidade, em que as palavras substituem os actos ou os gestos, vale no plano afectivo como no plano espiritual, e participa, embrionária ou pujantemente, do mecanismo íntimo da literatura – dádiva generosa e apelo desesperado, ao mesmo tempo. (ROCHA, 1965, p. 13).

Ao lembrar a importância da palavra escrita em missivas que foram dirigidas, recebidas, pensadas, lidas, perdidas, sabemos que existe um mundo por contar. Não pretendo de modo algum historiar, no sentido de compendiar, as venturas e desventuras, tantas vezes carregadas de mistérios, ou mapear os caminhos, eventualmente misteriosos, das cartas. Mas recordo o *Nome da Rosa*¹ como um flagrante e decisivo marco para compreender a latitude (e perigosidade, porque não afirmá-lo?) alcançada pela fixação do que se diz, pensa, se regista em papel, a perenidade por vezes atingida, desejada ou não, e as suas consequências. Porque as há.

Os extractos epistolares, aos quais dedicarei atenção em particular, inserem-se num conjunto bem mais vasto, mas mesmo assim, neles (e através deles), procurarei relevar a sua importância como documentos concretos, factuais, que chegam até aos nossos dias por via dos laços, a que hoje chamamos de redes, mas que à época, início do século XX, deixavam intuir círculos e afinidades. Falarei de afectos, também. Como do mundo literário do período em apreço e as circunstâncias políticas do tempo vivido pelas protagonistas, às quais pretendo dar voz, ou melhor, reler e permitir dar a ler a tantos quantos se interessem pelo tema.

Assim, passo a identificar a natureza dos documentos que se tornaram a fonte inicial para o trabalho de investigação norteado pela intenção de desvendar um pouco mais a conhecida interlocução de Ana de Castro Osório (1872-1935)² com algumas das figuras notáveis do seu tempo e, desta feita, em particular com Beatriz

¹ Referimo-nos ao romance e ao mistério envolvendo um clérigo que casualmente descobre a tradução francesa de um manuscrito do século XIV, escrito pela magistral pena de Umberto Eco, e cuja primeira edição remonta a 1980, no original *Il nome de la rosa*, depois passado a filme, com o mesmo título.

² Das várias obras sobre a autora relevamos os mais recentes trabalhos entretanto vindos a lume, nomeadamente de Célia Carmen Cordeiro, *Ana de Castro Osório e a Mulher Republicana Portuguesa*, Lisboa, Fonte da Palavra, 2012 e o de João Esteves, *Ana de Castro Osório (1872-1935)*, Lisboa, CIG, 2014. Pela temática de enquadramento relevamos também o ensaio de Maria José



Pinheiro. A pesquisa ficou delimitada, por razões de ordem prática, aos manuscritos e, dentre eles, a parcelas que das cartas trocadas entre ambas podem ilustrar o panorama da época a que se reportam, trabalho de algum modo inédito, visto que a compilação e edição das mesmas não foi, ainda, realizada.

As parcelas das cartas que transcreverei assumem um inegável valor, incalculável, diria, pois não se trata de analisar cartas apenas de circunstância ou de frivolidades.

No respeitante aos Estudos sobre as Mulheres e ao que à autoria feminina diz respeito é frequente aludir-se, menorizando, que a correspondência feminina é, para usar um termo muito usado no discurso científico, «desprezível», isto é, pouco significativa. Há, contudo, relevantes estudos sobre esta temática, como os de Teresa de Sousa Almeida e Vanda Anastácio³. Como estudo pioneiro do discurso epistolar ao longo dos séculos será imprescindível considerar a obra *A Epistolografia em Portugal* de Andrée Crabbé Rocha, já citada. Ainda assim, cumpre notar que a discrepância no modo de considerar os géneros masculino e feminino é abissal, no que respeita às cartas colecionadas, guardadas, que são objecto de tratamento arquivístico e documental. Algumas das razões a fundamentar essa questão são do domínio comum, e, salvo raríssimas excepções, o destino dado à vasta maioria dos documentos mencionados, quando assinados por mulheres, é a sua destruição, rasgados ou queimados por inoportunos ou impúdicos. Ora, a preservação de espólios como o da Família Castro Osório é uma das raras ocasiões para regozijo, oferecendo singular oportunidade para poder contextualizar a vida e a sociedade em que viveram, preservando a Memória, pois é disso que se trata. Uma palavra de reconhecimento deve, pois, ser dirigida aos responsáveis pelo mesmo, e muito em particular à Dr.^a Fátima Lopes.

À guarda da Biblioteca Nacional de Portugal encontram-se inúmeros epistolários de figuras que se destacaram ao longo dos tempos; o Arquivo da Cultura Portuguesa Contemporânea tornou-se repositório imprescindível ao serviço da investigação em Portugal. Entre eles contam-se escassos espólios de mulheres, nomeadamente os de Florbela Espanca, Maria Lamas, Natália Correia, Sophia de Mello Breyner, Virgínia Victorino. Ao contrário do que com estas últimas acontece, o espólio de Ana de Castro Osório - N12⁴ - não aparece individualizado, mas sim integrado no acervo da Família Castro Osório, englobando, além dos documentos a ela respeitantes, os de Alberto Osório de Castro, Jerónimo Osório de Castro, José Osório de

Remédios, “Ana de Castro Osório e a construção da grande aliança entre os povos: dois manuais da escritora adotados no Brasil”, *Faces de Eva*, n.º 12, 2004, pp. 91-102.

³ Respeitantes sobretudo a figura da Marquesa de Alorna e seu epistolário.

⁴ Biblioteca Nacional de Portugal, Arquivo da Cultura Portuguesa Contemporânea, Coleção de Castro Osório, Espólio N12 [Espólio da família Castro Osório, 1878-1946, 7 cx. Coleção constituída por manuscritos (poesia e prosa) cartas recebidas, enviadas e trocadas; documentos biográficos; recortes de imprensa; fotografias; manuscritos e cartas de terceiros.]



Oliveira, Paulino de Oliveira, João de Castro Osório. Compreende-se que, tratando-se de um núcleo familiar relevante, aos mais diversos títulos, no panorama político, cultural e literário do seu tempo, assim se tenha procedido. Contudo, perante a magnitude do acervo da autora, justificar-se-ia a sua autonomização. Conscientes de que tal possa considerar-se uma perspectiva ideal, diremos com Umberto Eco que: «Se o ideal é fazer com que o livro seja lido, há que tentar protegê-lo o mais possível, embora sabendo os riscos que se correm. Se o ideal é protegê-lo, dever-se-á também tentar deixar que o leiam, embora sabendo os riscos que se correm». (ECO, 1987, pp. 42-43)

Uma leitura global da correspondência trocada, escrita e recebida, entre familiares de Ana de Castro Osório, permite identificar um círculo de homens e mulheres ligados a movimentos cívicos e culturais diferenciados. Aquele que mais nos interessa agora destacar prende-se com os activistas do Livre Pensamento no nosso país e além-fronteiras, tais como Sebastião de Magalhães Lima, Maria Veleda, Miguel Bombarda, Maria Lacerda de Moura⁵, Teófilo Braga, Carolina Beatriz Ângelo, Monteiro Lobato⁶, Bertha Lutz, Brito Camacho, Andradina de Oliveira, Luis Derouet, João de Barros, Alice Pestana (Caiel) ou Carmen de Burgos (Colombine). É assinalável a circulação de ideias que se vai operando através da correspondência entre eles trocada, sobretudo em Portugal, Brasil e Espanha. As missivas criam (e desvendam) cumplicidades a vários níveis: político, cívico e estético. As motivações acalentadas e os dissabores do quotidiano não esgotam a temática, nem nas cartas, nem na obra que nos legaram. Assim, Carlos Lemos e Beatriz Pinheiro, na revista de arte e crítica, editada em Viseu, *Ave Azul* (1899)⁷, tal como Ana de Castro Osório e Paulino de Oliveira em *A Chronica* (1900) ou na *Sociedade Futura* (1902), para só mencionar dois, são dos mais activos divulgadores do Livre Pensamento que professavam. Entre Viseu e Setúbal, uma corrente de intercomunicação transportava, a um só tempo, ideias, aspirações, poemas e crítica, que extravasaram por todo o país e mesmo além-fronteiras. Não será de estranhar portanto que os livros e demais textos publicados em Portugal fossem recenseados Além-Mar, por vezes em “trânsitos atlânticos” bem conhecidos, numa trincheira em que se defendiam os ideais da liberdade, fraternidade e igualdade. O mesmo acontecia com a vizinha Espanha, e é de notar que Ana de Castro Osório assina um texto muito interessante, editado no *Almanaque das Senhoras* para 1915, exaltando a figura da libertária Belén Sagarra (1873-1951) que se exilara no nosso país e, como faz questão de assinalar, foi em

⁵ Veja-se acerca desta autora e da correspondência mantida com Ana de Castro Osório o trabalho que assino, em co-autoria com Angela Laguardia, Maria Lacerda de Moura e Ana de Castro Osório: correspondências em trânsitos atlânticos e feministas. Navegações: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa. Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, CLEPUL, v. 6, n.1. Ensaio. Porto Alegre: EIPUC. Jan./jun.2013, pp. 99-104, 2013.

⁶ Veja-se o texto de Marisa Lajolo, *Correspondência entre Anna de Castro Osório e Monteiro Lobato*, Campinas, Unicamp. Disponível em: < <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/AnnaOsoriodeCastro.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

⁷ Veja-se: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AveAzul/AveAzul.htm>



Lisboa que escreveu o livro a partir do qual irradiaria o ideal do Livre Pensamento para o mundo. Estas ligações entre Espanha e Portugal, por via de redes feministas às quais a autoria feminina não terá sido alheia, nem acaso, são também comprovadas pelas referências e relevo oferecido às “irmãs” ibéricas que assim se iam dando a conhecer mundo afora através das publicações periódicas que as promoviam e conferências em que participavam.

Não deixa de ser curioso que desde logo num dos primeiros números, *A Chronica*, revista ilustrada e literária, dirigida por Luís da Silva, em Maio de 1900, abra dando honras de primeira página aos «Directores da revista Ave Azul», sendo Beatriz Pinheiro, com gravura igual à que se editaria na *Sociedade Futura*⁸, em Novembro de 1902, ombreando com Ana de Castro Osório, ambas ostentando em legenda o título “escritora”.

Acerca de Beatriz Pinheiro e Carlos Lemos escreve, no periódico supramencionado, J. Agostinho de Oliveira:

Ao ouvil-os cantar ambos – dois cônjuges tão dignos um do outro, tão co-irmãos em espirito – [...] ao ouvil-os pensar, como aguias sobre uma aresta do Ideal, rodeados de homenagens já, de grandes espíritos do paiz e do estrangeiro, traduzidos e elogiados pelos melhores da Italia e França os seus juízos e os seus cânticos. [...] Poetas? Deveras soberbos e geniais, mas também pensadores, luctando como Titans pela Emancipação da Mulher, pela Paz, pelo triumpho ultimo do Bem, como Anthero; [...] E não querem que eu seja optimista sobre o futuro de Portugal, se vejo já alguns enlaces assim deslumbrantes, astros com astros n’uma obra de luz infinita, prometendo só astros no bojo de tantos escauceos: em Vizeu, D. Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos, como hontem Gonçalves Vrespo e D. Maria Amalia, como em Setubal D. Anna de Castro Osorio e Paulino d’Oliveira? [...] (OLIVEIRA, 1900, p. 1)

Destacando em Carlos de Lemos o polemista, afirma Agostinho d’Oliveira:

Mas, como se não bastasse, chronista elegantíssimo, romancista pujante e critico luminoso, elle é ainda um dos mais rijos e faiscantes polemistas do nossso tempo. Hajam vista as gigantescas cargas ao P.e Senna Freitas, a propósito da *Emancipação da Mulher* na *Ave Azul*, que tão justo ruido fizeram. São dois nomes destinados a *ficar*. Duas individualidades ainda no vigor pleno da mocidade, prometem, afinal uma grande obra incomparável que hade honrar a nossa Patria, pelo muitissimo que já teem feito, e pelo muitissimo que do que assombrosamente nos teem revelado, é de justiça e de alentadora esperança ainda derivar, como d’um nascente gigantesco se espera um grandioso rio fecundador. (OLIVEIRA, 1900, p. 1).

Em números seguintes será dado destaque quer a Ana de Castro Osório quer a Paulino de Oliveira. A correspondência a que tivemos acesso trocada entre Beatriz Pinheiro e Ana de Castro Osório atesta a atitude polemista registada em *A Chronica*.

⁸ Não deixa de ser curioso o facto de que o primeiro número da revista *Sociedade Futura*, então dirigido pela escritora e editado em 1 de Maio de 1902, se estreie reproduzindo na primeira página o retrato e biografia de Leonor da Fonseca Pimentel (Italiana, nasce em Nápoles no ano de 1752-1799), sendo sabido ter sido este o nome simbólico escolhido por Ana de Castro Osório aquando da sua iniciação maçónica.



O envolvimento de Beatriz Pinheiro na Liga Portuguesa da Paz⁹ é significativo e expresso por diversas vezes. Também um dos documentos integrante do espólio da Família Castro Osório é um impresso com os Estatutos da Liga, indicando a data da sua fundação, 18 de Maio de 1899, com sede na R. dos Prazeres, 87, em Lisboa, que haviam sido aprovados em sessão de 15 de Novembro de 1899. Neles se pode ler no Artigo 1.º: «É fundada em Lisboa uma sociedade de propaganda pacífica e que toma o nome de Liga Portuguesa da Paz».

Já no seu Artigo 3.º se estatui: «Procurará estabelecer com as sociedades similares do estrangeiro relações que favoreçam a realização do ideal comum: A Paz pelo Triunpho do Direito».

Dias depois de se ter constituído, Alice Pestana, Presidente da Liga, escreve, em papel timbrado da mesma, desde Lisboa, em 28 de Novembro, a Ana de Castro Osório nos seguintes termos:

«Minha Senhora,

Quererá V. Ex.^a reforçar a nossa Liga, sendo em Setúbal a nossa correspondente e representante?» (BNP, ACPC, Colecção Castro Osório, Esp. N12/96) ao que lhe responde Ana, assinando em Setúbal, no dia 7 de Dezembro, o seguinte:

Exm.^a senhora tenho o maior desgosto em responder negativamente ao primeiro pedido e honroso que elle é para mim, de V. Ex.^a

Eu vivo aqui muito retirada e de pouco lhe poderia servir o meu auxílio; no entanto, o que me falta é a fê, essa coisa certa que move montanhas, na obra sinceramente patrocinada por V. Ex.^a.

Acabar a guerra, reinar o Direito no mundo? Meus Deus que sonho, que lindo sonho! (BNP, ACPC, Colecção Castro Osório, Esp. N12).

Apesar de não estar filiada à Liga recém criada Ana de Castro Osório mantém uma relação próxima com Caiel, entretanto residente em Madrid.

Importa desta feita analisar o conteúdo da correspondência trocada entre Ana e Beatriz Pinheiro, como referimos. Se as cartas de um modo geral se iniciam com um tom amistoso, cordial e tocando aspectos do foro familiar, referindo-se aos filhos, aos maridos, às preocupações da vida quotidiana, o facto é que também nunca deixam de abordar temáticas de cariz interventivo, político, social e literário. A título de exemplo atente-se no trecho da carta enviada por Beatriz, de Viseu, em 16 de Fevereiro de 1999:

Claro que já não espero para este número [da *Ave Azul*] a sua preciosa colaboração, apesar de esta vir a tempo até 25 ou 26, em virtude de se ter começado a impressão pela 3.^a folha: críticas, registo bibliográfico, etc.; que bem sei como esses deliciosos pequeninos nos absorvem o tempo todo, e mais que o tempo, - o coração também e a inteligência e o espirito, tudo! (BNP, ACPC, Colecção Castro Osório, Esp. N12/97)

Ainda na mesma missiva a actividade e colaboração literárias são consideradas:

⁹ Tal como refere oportunamente Rita Correia (V. nota 17 do seu artigo, “Cf. *Ave Azul*, Série 1.^a, fascículo n.º 12 (15 Dezembro 1899), pp. 569-570”) foi de imediato feita sócia correspondente da mesma, em Viseu, assim como seu marido.



Os versos do seu Exm.^o esposo não foram recebidos: seria extraviado? Nesse caso esperamos dever-lhe a fineza de nol-os mandarem outra vez. Serão publicados com a colaboração de V. Ex.^a quando ella vier — a não ser que nos tarde muito, o que oxalá se não dê! — Por desejarmos só V. Ex.^{as} preencham em um numero a nossa sala de visitas [...] Agora mesmo acabo de ler a carta de v. Ex.^a que há pouco me foi entregue. [...] Exlendidos os versos do Senhor Paulino de Oliveira a quem V. Ex.^a agradecerá muito em meu nome e de meu marido. E muito agradecida também pelo numero de *O Districto* [...]. (BNP, ACPC, Colecção Castro Osório, Esp. N12/97).

Numa outra carta enviada a 13 de Julho de 1901 Beatriz Pinheiro dá conta da atmosfera pouco propícia:

Também tenho em projecto a publicação d'um volumezito de contos e outro dos meus artigos sobre emancipação da mulher, publicados e por publicar. Mas por enquanto só projectos. No meio d estudo um grande desalento e sempre esta pergunta: para quê?! Um pouco d'aquella doença pessimista de que na sua ultima carta me falava. Trago a fé assim como que adormecida ... Tem escripto alguma coisa sobre a actual questão ... Jesuítica, que eu sei que muito a interessa? (BNP, ACPC, Colecção Castro Osório, Esp. N12/97).

Aspecto fundamental para trazer luz às contendas suscitadas pelos temas, por ambas defendidos, na sequência de textos publicados por Ana de Castro Osório em *O Mundo*, e Beatriz Pinheiro na *Vanguarda*, é o ilustrado pelo seguinte passo da aludida carta:

Todavia foi isto o bastante para me caírem em cima as raivazinhas de todos estes phariseus do christianismo que a ninguém perdoam a ousadia de ter talento e independencia de character, e muito menos a uma mulher. [...] Verdade seja que não foram só os meus artigos que fez perder a cabeça ao homem mas também os quinhentos e tantos mil réis que nós, as senhoras, temos já para a escola João de Deus¹⁰. Tudo misérias. (BNP, ACPC, Colecção Castro Osório, Esp. N12/97).

Mais adiante revela a intenção de não enviar os seus artigos relativos à emancipação da mulher a Virgínia Fonseca, como sugerido por Ana de Castro Osório, visto ter em mente editá-los em livro, anunciando contudo comprometer-se a escrever um conjunto de originais para a *Moda Ilustrada*.

Sobre questões de activismo encontramos uma carta significativa, datada de 18 de Outubro de 1909, em que refere ter conhecido, na Figueira da Foz, Sara Beirão (1880-1974), uma das mulheres mais significativas do movimento feminista contemporâneo. A propósito diz Beatriz Pinheiro: «com ela falei muitas vezes, falei em si e na Liga de que ela é uma fervorosa propagandista».

Apesar das vicissitudes e da “descrença” manifesta conseguimos identificar a determinação para que o movimento pela emancipação feminina prosseguisse:

Ainda não comecei com a questão das irmãs da caridade¹¹, e estou muito hesitante a respeito do que farei, porque desde já prevejo a inutilidade do esforço ... Ai! Minha amiga! Não está como eu convencida de que elas não arrearão um passo donde estão senão pela força? Era isto que era preciso tentar, ou pelo menos substitui-las vantajosamente em todos os lugares e profissão que elas açambarcaram hoje — sobretudo na escola e na enfermaria. [...] Hoje, no novo país, só a *acção* dará resultado eficaz. Estou disso absolutamente convicta. E pois muito estimarei que a *Liga* entre numa fase que me anuncia de

¹⁰ Beatriz Pinheiro de Lemos foi a fundadora da Escola Liberal João de Deus, criada para educar crianças pobres.

¹¹ Veja-se a propósito destas questões (Lousada, 2011) “Pela Pátria: A Cruzada das Mulheres Portuguesas”.



trabalho pratico, porque será isso, sobretudo, que a acreditará e a fará estender raízes por esse país fora. (BNP, ACPC, Coleção Castro Osório, Esp. N12/97).

Aquando da sua estada no Brasil recebe uma carta¹² de Andradina de Oliveira (1864-1935)¹³, pioneira feminista brasileira, expedida do Rio Grande do Sul – Pelotas, em 4- 10-1913; nessa carta se apresenta reconhecendo a estatura de Ana de Castro Osório, a quem diz possuir um exemplar de *Às Mulheres Portuguesas*¹⁴, e assumindo-se, também ela, na qualidade de republicana fervorosa, em vésperas de celebração do 5 de Outubro, anuncia ainda pretender fundar um grande jornal feminista no Rio de Janeiro, onde irá residir, para continuar a luta que manteve durante todos os anos do Sul. Conhecida é a sua acção pioneira na luta pela emancipação feminina sobretudo através do periódico por si dirigido durante 12 anos, fundado na sua terra natal - *Escrínio* (1898-1910).

Desta breve incursão através do epistolário de Ana de Castro Osório, julgo poder retirar-se o sentido da premência em individualizar e promover a sua edição como importante contributo para um estudo histórico-sociológico da época e da condição feminina. Pois, como afirma Nancy Fraser (1990)¹⁵: «Se as lutas contra a subordinação das mulheres figuram entre as mais significativas de uma época dada, então uma crítica da sociedade desse período, entre outras coisas, deveria lançar luz sobre o carácter e as bases dessa subordinação». Testemunhos singulares de uma sororidade entre escritoras que, embora separadas pelo espaço, alcançaram manter-se unidas pelo espírito foi, em suma, a lição apre(e)ndida.

Um ensaio. Um começo, apenas.

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE DAS SENHORAS PARA 1915, 1914. Lisboa, Typ. de Sousa e Filho, p. 225-227.

ALMEIDA, Teresa. Lília e Tirse. In: ANASTÁCIO, Vanda (Ed.). *Cartas de Lília a Tirse*, anot. João Almeida Flor [et al.]. Lisboa: Colibri, 2007, p. XXV-XXXIX.

ALMEIDA, Teresa. Tratados epistolares do século XVIII: teoria e prática na correspondência de Chelas. In: ANASTÁCIO, Vanda (Ed.); MONTEIRO, Nuno Gonçalves; ALMEIDA, Teresa de Sousa; ANASTÁCIO,

¹² (BNP, ACPC, Coleção Castro Osório, Esp. N12/285).

¹³ A este propósito, e sobre a autora, é incontornável a consulta da dissertação de doutoramento orientada por Zahidé Lupinacci Muzart, recente e brilhantemente defendida, na Universidade Federal de Santa Catarina, pela Mestra Rosa Cristina Hood, intitulada “Escrínio, Andradina de Oliveira e sociedade(s): entrelaços de um legado feminista”, Florianópolis, 2015.

¹⁴ A obra de Ana de Castro Osório em apreço foi editada em Lisboa, pela Editora Viúva Tavares Cardoso, em 1905.

¹⁵ In: As teias da razão: a racionalidade hermenêutica e o feminismo. In: FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (Org.). *As teias que as mulheres tecem*. Lisboa, Colibri, 2002, p. 153.



Vanda (Coord. Cien.). *Correspondências* (Usos da carta no século XVIII). Lisboa: Colibri e Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2005, p. 25-32.

ANASTÁCIO, Vanda. *D. Leonor de Almeida Portugal: as cartas de Chelas*. Correspondências (Usos da Carta no século XVIII). Ed. Vanda Anastácio. Lisboa: Colibri, 2005, p. 45-54.

ANASTÁCIO, Vanda. Perigos do livro: (apontamentos acerca do papel atribuído ao livro e à leitura na correspondência da Marquesa de Alorna durante o período de encerramento em Chelas. Românica: *Revista de Literatura*, n. 13, p. 125-141, 2004.

CORREIA, Rita. Ave Azul. *Revista de Arte e Crítica*. Câmara Municipal de Lisboa, 26/03/2011. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/AveAzul.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

ECO, Umberto. *A Biblioteca*. Lisboa: Difel, 1987.

ESPÓLIO DA FAMÍLIA CASTRO OSÓRIO. Arquivo da Cultura Portuguesa Contemporânea, Coleção de Castro Osório, Espólio N12 [Espólio da família Castro Osório, 1878-1946]. Biblioteca Nacional de Portugal.

FRASER, Nancy apud HENRIQUES, Fernanda. As teias da razão: a racionalidade hermenêutica e o feminismo. In: FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (Org.). *As teias que as mulheres tecem*. Lisboa, Colibri, 2002.

LOUSADA, Isabel. Pela Pátria: A Cruzada das Mulheres Portuguesas (1916-1938). *Actas do XIX Colóquio de História Militar* «100 anos de regime republicano: políticas, rupturas e continuidades». Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar – Ministério da Defesa Nacional, 2011, p. 667-688.

OLIVEIRA, Agostinho de. *A Chronica*. Lisboa: Typ. Liberal, 1900.

ROCHA, Andrée Crabbé. *A Epistolografia em Portugal*. Coimbra: Livraria Almedina, 1965.

Voltar ao SUMÁRIO